

FORMAÇÃO DE LEITORES: UM ESTUDO SOBRE AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Mariana Oliveira dos Santos

Resumo: Tem como foco as histórias em quadrinhos (HQs) e sua contribuição para a formação de leitores. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa, com caráter exploratório. Na qual se apresenta a trajetória histórica dos quadrinhos no Brasil, as características de linguagem e de estímulo à leitura, assim como a participação do bibliotecário e do professor como sujeitos mediadores entre os quadrinhos e as crianças. Como resultados finais, percebe-se que as HQs recursos eficientes para incentivar a leitura, são informativas e diversificadas, além de contribuírem na formação de leitores mais competentes.

Palavras-chave: Histórias em quadrinhos; Formação de leitores; Gibitecas; Incentivo à leitura.

1 INTRODUÇÃO

O ser humano é um ser social que não sobrevive sem obter informações e sem interar-se do que existe fora de si. Ler deve ser prazeroso, porque nutre e estimula o imaginário, desperta sensações e a criticidade (CARVALHO, 2004). As histórias em quadrinhos – HQs reúnem características da linguagem escrita e da linguagem visual, unindo atributos que estimulam e incentivam o leitor. (IANNONE, 1994).

Segundo Vergueiro (2005), as HQs são caracterizadas, junto ao cinema, como a comunicação de massa de maior destaque do século XX; e surgiram, principalmente, nos Estados Unidos do final do século XIX e também, na Europa, do mesmo período. Apesar do

baixo custo e da facilidade em se encontrar HQs, por muito tempo, pais, professores e bibliotecários viam com desconfiança a leitura dos quadrinhos por parte das crianças. Tal fato não ocorre mais como antes, de forma tão intensa, apesar de ainda ser necessária uma maior abertura da sociedade a este meio de comunicação.

O estudo teve como objetivo geral conhecer de que maneira as HQs são utilizadas na formação de leitores e no incentivo à leitura, especificamente na escola e na biblioteca. E teve os seguintes objetivos específicos: apresentar uma trajetória histórica das HQs no Brasil; descrever como os quadrinhos são utilizados para promover e incentivar a leitura; e identificar a participação do professor e do bibliotecário como sujeitos mediadores entre os quadrinhos e a criança.

O método de pesquisa com base nos objetivos é de caráter exploratório, que segundo Gil (1999, p. 43) “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

A pesquisa objetiva identificar como se utilizam as histórias em quadrinhos para incentivar a prática de leitura, se qualificando como exploratória. Como afirma Gil (1999, p.43) “pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”.

As HQs podem contribuir muito para o desenvolvimento da prática de leitura e para a formação de leitores competentes. Segundo Adriana Fogaça (2003), a ação narrativa dos quadrinhos empolga muito e satisfaz as crianças, por não promover o cansaço e o tédio, como geralmente acontece nas leituras obrigatórias. Ao adaptarem-se ao nível intelectual das crianças, as HQs rompem as barreiras que

existem contra a prática de leitura, sendo um instrumento pedagógico eficiente no sentido de despertar o gosto pela leitura.

2 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO BRASIL: UMA TRAJETÓRIA HISTÓRICA

Os quadrinhos como são conhecidos atualmente, começaram a surgir no final do século XIX na Europa e nos Estados Unidos, expandindo-se, posteriormente, para os outros países como um significativo meio de comunicação de massa. Mas, sua origem é bem mais antiga, vem do período pré-histórico, das inscrições que os antepassados deixaram nas cavernas (IANNONE, 1994).

Considerada como a primeira HQ brasileira, “As aventuras de Nhô Quim ou impressões de uma viagem à corte” de Ângelo Agostini, foi publicada, em 30 de Janeiro de 1869, na revista Vida Fluminense do Rio de Janeiro (ALVES, 2001). Mas, a primeira revista brasileira de quadrinhos foi “O Tico Tico”, lançada em 1905; acredita-se que “tenha sido a primeira do mundo a apresentar histórias em quadrinhos completas” (IANNONE, 1994, p. 48). Além disso, “O Tico Tico” foi “o marco inicial das publicações dedicadas às crianças no Brasil” (MOYA, 1994, p.33). Ela trazia, principalmente, contos, textos informativos, curiosidades e *comics*¹.

Vários desenhistas brasileiros tiveram seus trabalhos publicados na revista “O Tico Tico”, entre eles, J. Carlos; na revista, ele criou Jujuba, Carrapicho e Lamparina que mostravam um conteúdo bem brasileiro. O ano de 1956 foi o marco final da revista.

¹ Termo em inglês usado para denominar as histórias em quadrinhos norte-americanas.

Em 1929, no jornal paulista A Gazeta, é lançada a Gazeta Infantil ou Gazetinha que publicava quadrinhos nacionais e estrangeiros. E além da HQ brasileira de Belmonte, também apresentou as aventuras do Gato Félix, mantendo sua circulação até o ano de 1950.

Em 1934 foi lançado no Rio de Janeiro o Suplemento Juvenil, que fazia parte do jornal A Nação, publicado pelo editor Adolfo Aizen, que costuma ser apontado “como o principal incentivador dos quadrinhos em nosso país” (IANNONE, 1994, p. 49). A mesma autora ainda ressalta que o Suplemento Juvenil “logo atingiu sua independência, chegando a 360 mil exemplares em três edições semanais” (IANNONE, 1994, p.50).

Roberto Marinho, proprietário do jornal O Globo, lançou, em 1939, a revista infantil Gibi, que em pouco tempo se tornou muito popular. Por isto o nome da revista passou a ser utilizado para denominar todas as revistas em quadrinhos no Brasil.

Em São Paulo, no ano de 1951, realizou-se a I Exposição Internacional das Histórias em Quadrinhos, mostra pioneira em todo o mundo (IANNONE, 1994).

Em 1954, Fredric Wertham publicou o livro “A sedução dos inocentes”, salientando aspectos negativos das HQs. Generalizou suas conclusões a partir das histórias de suspense, terror, e dos casos patológicos de jovens e adolescentes que ele tratou em seu consultório. Dessa forma investiu violentamente contra o meio (VERGUEIRO, 2006a).

As denúncias do Doutor Wertham causaram grande impacto na sociedade da época, inclusive para os pais, professores e bibliotecários. Para haver uma garantia do conteúdo das revistas em quadrinhos foi criado o *Comics Code* e cada HQ, publicada nos Estados Unidos, passou a receber um selo de qualidade. Segundo

Vergueiro (2006a, p.14), “no Brasil, os editores elaboraram um código próprio e aplicaram às revistas um selo semelhante àquele desenvolvido nos Estados Unidos”.

Na década de 60 aparece um personagem que foi um marco na produção dos quadrinhos nacionais, O Pererê, de Ziraldo Alves Pinto, que teve a capacidade de aglutinar toda uma tradição brasileira, resgatando temas do cotidiano e do folclore, cuja figura central é o saci, personagem típico do folclore nacional (LUYTEN, 1987).

Mas Maurício de Souza foi quem “conseguiu, realmente, o que nenhum dos outros desenhistas nacionais sequer poderia sonhar: êxito no Brasil e fama mundial” (LUYTEN, 1987, p.78). Ele publicou sua primeira tira no jornal Folha de São Paulo, em 18 de julho de 1959.

Os quadrinhistas atuais, desde o final da década de 60, têm lançado personagens interessantes, como O Pato, de Ciça; Capitão Cipó, de Daniel Azulay; entre outros. Iannone (1994, p.55) afirma que “Capitão Cipó, considerado uma obra-prima dos quadrinhos brasileiros, estreou como tira diária no jornal Correio da Manhã, em 1968”. Segundo a crítica especializada, Capitão Cipó é um dos melhores exemplares dos quadrinhos nacionais.

2.1 ZIRALDO: O ETERNO MENINO MALUQUINHO

Ziraldo nasceu em 1932, é formado em Direito pela faculdade de Direito de Minas Gerais; e desde pequeno gostava de desenhar e ler. Com apenas seis anos, Ziraldo, publicou seu primeiro desenho no jornal a Folha de Minas. Mas na revista A Cigarra, em 1957, que iniciou a publicação de seus trabalhos.

Na década de 60 criou a Turma do Pererê, os personagens eram muito típicos; Saci Pererê, o símbolo do folclore brasileiro, Tininim, o índio, Galileu, a onça pintada, entre outros. Todos formando um bom desenho, eficiente no uso das técnicas dos quadrinhos e um conteúdo compatível com a realidade nacional (LUYTEN, 1987).

Ziraldo é um artista muito diversificado e talentoso, pois ele é pintor, jornalista, teatrólogo, chargista, caricaturista e escritor. “Suas publicações ganharam destaque devido a excelência na qualidade da arte, do texto e da história, que emocionam, até hoje, crianças, jovens e adultos” (ARAÚJO, 2006).

Ainda no ano de 1969, ele publicou seu primeiro livro infantil, Flicts. Mas foi no ano de 1980 que ficou consagrado com a publicação de O Menino Maluquinho. Com relação ao seu trabalho quadrinhístico, o grande marco foi o ano de 1989, com a publicação de O Menino Quadrado; é “nesta publicação que se confirma a forma engenhosa com a qual o autor trabalha os quadrinhos” (ARAÚJO, 2006).

Ziraldo percorreu todo o Brasil, além de outros países, conversando com pais e professores sobre a importância da leitura na escola e em casa. Desta forma é que as HQs, como um veículo de comunicação que agrada e fascina a maioria das crianças, devem circular no ambiente escolar e nas bibliotecas, estimulando as crianças a lerem e a aprenderem de forma mais prazerosa.

2.2 MAURÍCIO DE SOUZA: O EXPOENTE BRASILEIRO

Maurício nasceu em São Paulo no ano de 1935, começou trabalhando na Folha de São Paulo (antiga Folha da Tarde) e, nas

horas vagas, isolava-se para desenhar, de onde surgiu sua primeira história completa, “O Repórter Policial”.

Segundo Verdolini (2007), o início da criação de seus mais famosos personagens ocorreu no final da década de 50; e foi na editora Continental que Maurício de Souza viu, pela primeira vez, suas histórias publicadas, as histórias do cãozinho Bidu, publicadas na revista *Zas Traz*.

Em 1960, surgiu Cebolinha; inspirado em um garoto que trocava o “R” pelo “L” e vivia em Mogi das Cruzes (cidade natal de Maurício de Souza). Já, Cascão e Chico Bento surgiram em 1961, o último inspirado no tio-avô do escritor. Nos anos seguintes, Maurício criou os personagens Piteco, Penadinho, Horácio, Raposão e Astronauta (VERDOLINI, 2007).

Na busca por personagens femininas, em 1963, Maurício criou Mônica, Magali e Tina, inspirado em suas filhas. Ao longo do tempo surgiram muitos outros personagens, alguns criados para abordarem as diferenças, como Dorinha, deficiente visual e Luca, cadeirante.

Para cativar um público fiel, Maurício conseguiu massificar a produção, garantindo, com isto, qualidade, assiduidade no mercado e um preço relativamente acessível, tornando-se um grande representante da indústria do entretenimento.

Contudo, Maurício de Souza recebe críticas de alguns estudiosos pelo fato de seus personagens não terem aspectos realmente brasileiros. Apesar de alguns, como Chico Bento e Papa-Capim, focarem características brasileiras, para alguns teóricos isto não é suficiente. Pois nas suas histórias, ele aborda temas universais, comuns a qualquer criança de todo o mundo.

Por toda sua trajetória, Maurício de Souza pode ser considerado um dos maiores quadrinhistas brasileiros; hoje, com 74

anos de idade, tem um público reconhecido de mais de três milhões de pessoas, entre crianças e jovens, só no Brasil.

3 OS QUADRINHOS NA FORMAÇÃO DE LEITORES

A leitura deve ser inserida desde muito cedo na vida das crianças, pois ler, segundo Carvalho (2004), é uma prática social, na qual se incluem os sujeitos produtores de sentido, ou seja, o autor e o leitor, além de ser uma atividade que diz respeito a um processo discursivo. A prática da leitura acontece de forma mais efetiva quando é motivada pela necessidade e pelo prazer.

A utilização dos quadrinhos pode ser de grande importância para iniciar a criança no caminho que leva à consolidação da prática e do prazer de ler. Azis Abrahão “considera que a História em Quadrinhos, denominada por ele *literatura em quadrinhos*, agrada as crianças, uma vez que atende a sua necessidade de crescimento mental” (ABRAHÃO apud SANTOS, 2001, p.47).

As HQs preenchem as expectativas do imaginário infantil, além de prepararem as crianças para a leitura de outras obras. A linguagem e os elementos dos quadrinhos, quando bem utilizados, podem ser aliados do ensino, e a união do texto e da imagem facilita a compreensão dos conceitos que, ficariam abstratos se relacionados unicamente com as palavras (SANTOS, 2001).

A maioria das HQs caracteriza-se por apresentar o improvável e sua sedução está no fato de que correspondem às necessidades e interesses naturais das crianças (FOGAÇA, 2003). Os quadrinhos são capazes de apresentar finalidades instrutivas se forem entendidos como um veículo de aprendizagem que abordam assuntos diversificados.

Ainda que os quadrinhos tenham sido rejeitados pelos pais, professores e bibliotecários num determinado momento, hoje são reconhecidos os seus benefícios para o ensino e à prática da leitura. Nesse sentido, Vergueiro (2006a, p.21) coloca que, “no Brasil [...] o emprego das histórias em quadrinhos já é reconhecido pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e pelos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais)”.

As HQs apresentam uma grande facilidade para que as crianças, em fase de alfabetização e início de escolarização, interessem-se e se estimulem com a leitura. Para a formação de leitores, é importante que a criança tenha contato com diferentes objetos de leitura e que estes tenham conteúdos de qualidade, proporcionando ao pequeno leitor capacidade para exercer leituras mais complexas gradativamente.

3.1 CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM DOS QUADRINHOS

Os quadrinhos, segundo Moya (1977, p.110) “são um conjunto e uma seqüência”; são compostos por quadros que combinam dois meios de comunicação diferentes: o desenho e o texto. Sua principal unidade narrativa é o próprio quadrinho, também denominado de vinheta.

Atualmente, as HQs publicadas em revistas, principalmente as de super-heróis, utilizam quadrinhos com formatos bastante arrojados. No início, as tiras costumavam ter os mesmos formatos, mas, rapidamente, começaram a se diversificar. Artistas como Winsor McCay e Alex Raymond ficaram reconhecidos justamente por esta plasticidade que caracterizava o trabalho de ambos (VERGUEIRO, 2006b).

As HQs também podem ser publicadas em diversos veículos e formatos, características que afetam tanto sua forma como seu conteúdo. Vergueiro (2005) coloca que, entre os seus formatos destacam-se os seguintes: Gibis – normalmente destinados ao público infantil e juvenil, com baixo preço e pouca durabilidade; Álbuns e edições encadernadas – publicados em edições únicas, com um custo mais alto, devido a sua qualidade de impressão e encontrados normalmente em livrarias; “Graphic novels”, maxi e minisséries – semelhante aos álbuns e edições encadernadas, que buscam dar um tratamento diferenciado aos personagens; Quadrinhos em jornais – o berço das HQs, que continuam até os dias atuais, e que dificilmente são publicados em outros formatos; Fanzines – feitas por aficionados, colecionadores ou artistas iniciantes; Publicações variadas – quadrinhos usados em publicidade, propaganda política, livros didáticos, entre outros. Todas essas variações de publicação podem ser encontradas em diferentes ambientes e apresentam um público bastante diversificado.

No que se refere aos personagens, a maioria das HQs costuma ter um protagonista fixo, constituindo uma “série”. Nas histórias de aventura e de super-heróis, principalmente, é comum usar sempre o mesmo tipo de roupa para retratar o personagem principal, o que possibilita a identificação imediata por parte do leitor.

Com relação aos elementos que compõem os quadrinhos, Iannone (1994) descreve que o balão é um recurso peculiar, contendo textos ou imagens, correspondentes aos diálogos dos personagens, seus pensamentos e sonhos. A legenda nas HQs representa a voz onisciente do narrador, e suas funções mais comuns relacionam-se com o início da história e com a ligação entre um quadro e outro. Outro destaque dos quadrinhos são as onomatopeias, signos

convencionais que retratam um som por meio de caracteres alfabéticos. Alguns exemplos de onomatopéias:

- Pingos de chuva: *Plic! Plic! Plic!*
- Sono: *ZZZZZZZZZZ*
- Golpe ou soco: *Pow!*

3.2 BIBLIOTECÁRIO E PROFESSOR: MEDIADORES ENTRE OS QUADRINHOS E AS CRIANÇAS

Sabe-se que a leitura não é uma prática constante em nosso país, seja por questões educacionais ou culturais, e os profissionais que se empenham em modificar essa realidade, como os bibliotecários e os professores, fazem uso de diferentes recursos para despertar no leitor, em potencial, o interesse e gosto por ela.

Para fazer a seleção do material utilizado em sala de aula, considerando a variedade de publicações de HQs no mercado, devem-se levar em conta os objetivos educacionais que se deseja alcançar, identificando os materiais mais adequados com relação à temática, à linguagem utilizada e à idade das crianças (VERGUEIRO, 2006a).

Lembrando que é decisivo não afunilar demais na escolha dos materiais, pois muitas vezes uma HQ que parecia insignificante pode suscitar em importantes debates e despertar a consciência crítica das crianças. Ressaltando que, hoje, já existem diversos livros que abordam os benefícios dos quadrinhos para a aprendizagem da leitura (VERDOLINI, 2007).

A presença das HQs nas bibliotecas também não garante a sua utilização pelos usuários; são necessários planejamento e tratamento adequados para este tipo de material e é nesse momento que o bibliotecário pode fazer a diferença. Segundo Oliveira (2005,

p.41), “para se ter um retorno junto ao usuário é necessário que o profissional da informação seja dinâmico e criativo”.

Porém, algumas bibliotecas que incorporam as HQs ao seu acervo não têm este planejamento e nem, o bibliotecário, esta atitude diferenciada. Desta forma, segundo Vergueiro (2003a), os quadrinhos acabam não sendo incorporados de forma definitiva ao acervo, sendo considerados como alternativa para o acervo apenas quando oferecidos em doação; restrinjam-se a categorias específicas de usuários e a utilização das HQs acontece apenas como chamariz para a leitura de livros.

Esta situação vem aos poucos se modificando, tanto no Brasil como no exterior, embora, ainda falte muito para uma reversão total de expectativas: o número de bibliotecas que, atualmente, considera as HQs como materiais que mereçam atenção especial, ainda é bem menor do que o necessário para se atingir uma transformação em termos de mudança de postura (VERGUEIRO, 2003a).

Faz parte do papel social do bibliotecário ter uma postura inovadora, sem resistência aos meios de comunicação de massa, às novas tecnologias e a todos os suportes em que a informação esteja e precise de tratamento especializado.

Como um bom exemplo da utilização das HQs para despertar o interesse pela leitura, a bibliotecária Regina Gagllianone da Biblioteca Popular de Olaria e Ramos do Rio de Janeiro, criou o projeto **Gibiteca Leitura Prazer**. Ao verificar o pouco uso da coleção infantil da biblioteca, ela investiu nos quadrinhos, por serem muito atrativos para as crianças.

O objetivo inicial deste projeto era incentivar a leitura na seção infantil, mas isso não significava que as HQs seriam um passo inicial para se chegar aos livros, e sim que representariam o real interesse do seu público-alvo. Os quadrinhos em nenhum momento

foram considerados uma subliteratura, mas a literatura que o seu usuário buscava; e recebiam tratamento técnico e organização diferenciada no acervo.

A bibliotecária recorreu à comunidade, a fim de obter ajuda na construção do acervo, criando uma espécie de clube de sócios da Gibiteca: para se tornar membro, o leitor deveria doar, no mínimo, dois gibis. Ela promoveu um evento para reunir toda comunidade, onde as doações, por pessoa, foram de muitos exemplares e não apenas de dois, como solicitado.

Além disso, foi realizado um concurso de HQs, no qual os melhores desenhos fariam parte de uma revista em quadrinhos, em parceria da Gibiteca com escolas da comunidade, onde periodicamente a biblioteca lançava um tema, os estudantes participavam voluntariamente na confecção de desenhos e textos, contando com a ajuda dos professores (OLIVEIRA, 2005).

Com isso a biblioteca se integra ao processo pedagógico e participa de uma proposta de aprendizado interdisciplinar. Sendo possível modificar a situação de que na atualidade, muitas crianças e jovens lêem pouco e geralmente não compreendem o que estão lendo, pois, um aluno/leitor compreende melhor os conceitos abstratos com os quais tem que lidar na sala de aula (NOGUEIRA, 2007).

Para os profissionais da informação que atuam em bibliotecas que possuem acervos de HQs, a compreensão das peculiaridades dos leitores de quadrinhos é vital para o estabelecimento de serviços que tenham condições de atendê-los com eficiência, garantindo a satisfação de suas necessidades de informação (VERGUEIRO, 2003b).

E um dos fatores necessários para a existência expressiva de leitores em um país, é que, deve haver escolas que saibam formar

leitores, valendo-se de mediadores bem formados (professores, bibliotecários) e de múltiplas estratégias e recursos para alcançar essa finalidade (UNESCO apud BRASIL, p.19).

Desta forma, um trabalho interdisciplinar entre professores e bibliotecários pode gerar resultados com mais qualidade, principalmente quando se tem conhecimento das características do recurso utilizado, assim como do leitor. Sendo fundamental que ele possa contar com pessoas realmente capazes de lhe impulsionar o interesse pela leitura, ampliando sua visão para um mundo novo prestes a ser revelado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o seu surgimento, como uma comunicação de massa, no final do século XIX, as HQs já passaram por grandes transformações. Aos poucos, apareceram as características que hoje são comuns a todos os quadrinhos, e com o sucesso de alguns personagens, tornaram-se mundialmente conhecidas, conquistando crianças, jovens e adultos.

Os quadrinhos sofreram grande preconceito pela sociedade; acreditava-se que podiam distorcer o caráter dos jovens. Dessa forma, a leitura na escola e a sua disponibilização na biblioteca, foram proibidas durante um período. Mas ao longo dos anos, eles foram rompendo essas e outras barreiras e, a sociedade passou a percebê-los como um recurso de entretenimento, principalmente, voltado ao público infantil.

No Brasil, a criação das gibitecas foi algo que ajudou a despertar a importância das HQs como uma fonte de informação rica em conteúdo, que abrange diversas áreas, justamente por apresentar

imagens e textos, simultaneamente, unindo as artes plásticas, a lingüística, a comunicação, entre outras, num mesmo suporte físico.

Mas, apesar de se ter notado, que os quadrinhos podem ser um recurso de qualidade na escola e na biblioteca, é decisivo dizer que as HQs não devem ser utilizadas de forma isolada; mas com a música, o teatro, as artes em geral, resultando em atividades bem elaboradas e gerando bons rendimentos.

Por meio de um trabalho interdisciplinar entre bibliotecários, professores e especialistas em quadrinhos muitos projetos podem ser realizados, pois, crianças e jovens são bem receptivos a eles, já que possuem características instigantes e são capazes de auxiliar na formação de leitores críticos e competentes.

Ressalta-se que quando se conhece o tipo de material que se tem disponível (seja ele qual for), os resultados mais positivos podem ser alcançados, principalmente quando acontecem em parceria. Assim, as HQs podem ser (de forma divertida), um estímulo para a leitura e, as crianças, sem perceber, se tornam leitoras.

REFERÊNCIAS

ALVES, José M. Histórias em quadrinhos e educação infantil. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 12, n. 3, set. 2001. Disponível em: <scielo.bvs-psi.org.br>. Acesso em: 12 abr. 2008.

ARAÚJO, Isabele Reginato de. O menino quadrado: o mundo criativo dos quadrinhos de Ziraldo. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 15., 2006, Campinas. **Anais...** Campinas, 2006. 1 CD-ROM.

BRASIL. Ministério da Educação. Ministério da Cultura. **PNLL**: plano nacional do livro e leitura. 2008. Disponível em: <<http://www.pnll.gov.br>>. Acesso em: 02 nov. 2008.

CARVALHO, Adriana Cintra de; OLIVEIRA, Marcelo Pires de. Os quadrinhos e uma proposta de ensino de leitura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., Porto Alegre-RS, 2004. Disponível em: <<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18224/1/R0711-1.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2008.

CATONIO, Angela C. Dias do Rego; CRUZ, Ronilço Oliveira. **Gibiteca, biblioteca do gibi**. In: Seminário Internacional Latino-Americano de Pesquisa da Comunicação, 3., 2005.

FOGAÇA, A. G. A. A contribuição das histórias em quadrinhos na formação de leitores competentes. **Revista PEC**, Curitiba, v.3, n.1, p. 121-131, jul. 2002/jul. 2003. Disponível em: <http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista_PEC_2003/2003_contribuicao_hist_quadrinhos.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999. 206p.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 1994. 87 p.

LUYTEN, Sonia M. Bibe. **O que é história em quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 88p.

Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.15, n.2, p. 05-23, jul./dez., 2010.

MOREIRA, Adelya Cristiane. A emancipação literária da criança nas obras de Ziraldo. **Discursos e Identidade Cultural**, [s.l], p. 181-185. 2008. Disponível em: <<http://200.202.200.24/ojs/index.php/unec02/article/view/206/285>>. Acesso em: 15 jul.2008.

MOYA, Álvaro de. **Shazam!** 3. ed. São Paulo: Perspectiva 1977. 344 p.

_____. **História da história em quadrinhos**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 212p.

NOGUEIRA, Natania. Gibiteca: ensino, criatividade e integração escolar. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCARE - SABERES DOCENTES, 7., 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Champagnat, 2007. p.174 186.

OLIVEIRA, Maria Jaciara de Azeredo. **A dinamização de coleções de histórias em quadrinhos nas bibliotecas populares do Rio de Janeiro**. 2005. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005. Disponível em: <<http://infocultura.info/rabci/node/54>>. Acesso em: 28 ago. 2008.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Aplicações da história em quadrinhos. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 22, p. 46-51, set./dez. 2001. Disponível em: <reposcom.portcom.intercom.org.br>. Acesso em: 12 abr. 2008.

VERDOLINI, Thaís Helena Affonso. **Turma da Mônica: trajetória intertextual em 40 anos de história.** 2007. 193 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://mx.mackenzie.com.br/tede/tde_arquivos/8/TDE-2007-11-25T124201Z-364/Publico/Thais%20Helena%20Affonso%20Verdolini1.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2008.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Angela, et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006a. p. 7 29.

_____. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. In: RAMA, Angela, et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006b. p. 31 64.

_____. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **Data Grama Zero**, v. 6, n. 2, art. 04, ago. 2005.

_____. **Histórias em quadrinhos, bibliotecas e bibliotecários: uma relação de amor e ódio.** 2003a. Disponível em: <<http://www.ofaj.com.br/colunas>>. Acesso em: 06 maio 2008.

_____. **O leitor de histórias em quadrinhos: diversidades e idiosincrasias.** 2003b. Disponível em: <<http://www.ofaj.com.br/colunas>>. Acesso em: 06 maio 2008.

TRAINING OF READERS: A STUDY ON THE COMICS

Abstract: *This study focuses on the comics and how they can be used by contributing to train more competent readers. The research is characterized as bibliographic, qualitative, and exploratory in nature. It was presented the historical trajectory of comics in Brazil and their language features, attempting to identify in the participation of librarians and teachers as mediators between the comics and the children. It was possible to see that the comics are a very efficient resource to encourage reading and an important help in education, by contributing to train more competent readers.*

Keywords: *Comics; Training of readers. Comic Libraries. Reading Encouragement.*

Mariana Oliveira dos Santos

Bacharel em Biblioteconomia com Habilitação em Gestão da Informação pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

E-mail: mari.biblio@yahoo.com.br

Artigo:

Recebido em: 15/06/2010

Aceito em: 08/09/2010